

Deus caritas est

Reflexões morais sobre a Carta Encíclica de Bento XVI

Resumo

Habitualmente, o primeiro documento oficial de um pontificado tem uma função programática. Tendo presente essa consideração, nos propomos a fazer uma análise, sob a perspectiva moral, do primeiro documento que o Papa Bento XVI escreveu, a Carta Encíclica “Deus caritas est”. Ele não é propriamente um documento que trata exclusivamente de temas de moral católica, mas cremos que, tendo em base a Sagrada Escritura, ele nos oferece pontos para definirmos o fundamento e o critério da vida moral cristã. Por isso, desejamos fazer uma reflexão que, apoiada nas palavras do Papa, torne evidente o elemento fundante e criteriológico da vida moral do discípulo de Jesus Cristo.

Summary

Usually, the first official document of a pontificate has a programmatic function. Taking this consideration into account, we propose to analyze, from a moral perspective, the first document that Pope Benedict XVI wrote, the Encyclical Letter “Deus caritas est”. It is not strictly a document that deals exclusively with issues of Catholic morality, but we believe that, on the basis of Sacred Scripture, it offers us points to define the foundation and criterion of Christian moral life. That is why we wish to reflect on the foundational and criteriological element of the moral life of the disciple of Jesus Christ, supported by the words of the Pope.

* * *

A vasta produção teológica de Bento XVI abrange temas diversos. Mesmo não tendo ele se dedicado de modo sistemático à Teologia Moral, entre os argumentos sobre os quais escreveu, podemos encontrar elementos próprios desta parte da ciência teológica. Um dos textos do Santo Padre que nos parece conter, de modo transversal, alguns elementos para a compreensão da vida moral do cristão é a Carta Encíclica *Deus caritas est*. cremos que este documento apresenta o que poderíamos considerar como o fundamento e o critério da vida moral cristã. Movidos por esta convicção, nos propomos uma análise desta Carta a fim de apresentar, a partir dela, o elemento fundante e criteriológico da moral cristã.

I. A Carta Encíclica *Deus caritas est*

O nome da carta de Bento XVI torna evidente que o argumento central do documento é o tema do amor. O contexto cultural dos destinatários da encíclica, que em grande parte é o mesmo até hoje, parece colocar em jogo o sentido mais profundo da vida cristã, relegando-a à pertença institucional à Igreja e ao cumprimento meticuloso das leis impostas por essa instituição. Tal visão não só esvazia o sentido de ser cristão, como também é a fonte de um cristianismo frágil, superficial, estéril. No exercício do seu múnus, o Papa procura projetar luzes sobre estas confusões hodiernas e, em certo sentido, propor uma saída possível.

Na primeira parte, partindo da Primeira carta de São João¹, o Papa indica o sumário dos temas a serem tratados. O primeiro seria o que ele chama de “o centro da fé cristã” (DCE 1)², que é a imagem de Deus e a consequente imagem do homem e do seu caminho. O segundo seria a razão de se falar desse tema: tornar evidente o momento fundacional do ser cristão e o horizonte aberto a partir de então (DCE 1).

Segundo o pontífice, o primeiro problema a ser resolvido é uma questão de linguagem (DCE 2-8), isto é, precisar qual o sentido da palavra amor. Usando da analogia, ele parte do arquétipo humano do amor, a relação entre o homem e a mulher, para chegar à ideia universal do que seja o

¹ Cf. S. G. OPORTO, “El costado traspasado”, 81-99. Para a compreensão de outros aspectos da Carta Encíclica que não são contemplados no nosso estudo, poder-se-ia recorrer à: G. SAVAGNONE, “Amore, giustizia e bene comune”, 107-121; J.N. REGODÓN, ““El nos ha amado primero””, 101-121; R. MENARINI, “Imago hominis, imago Dei”, 67-79.

² O texto oficial da Carta Encíclica é em latim, de modo que as citações diretas do documento feitas neste artigo são tiradas da tradução portuguesa do site www.vatican.va.

amor. Depois de uma acurada análise sobre o sentido da palavra amor, na sua concepção grega, ele bate às portas da revelação bíblica (DCE 9-15). Passando pelo Antigo e pelo Novo Testamento, o Papa reconstrói a ideia correta do amor divino e, por catalogia³, reconhece no amor a Deus e ao próximo o caminho da verdadeira realização do ser do homem.

Diante desta conclusão, ele faz uma pergunta retórica que está intimamente ligada à questão do nosso estudo: “o amor pode ser mandado?” (DCE 14.16), isto é, Deus poderia ter mandado o homem amá-Lo sobre todas as coisas e ao próximo como Ele mesmo nos ama? (Cf. Mt 22,37-40; Jo 13,34). Reformulando a questão, poderíamos nos perguntar: ordenar o homem a amar não seria contrário ao amor autêntico, que é um ato livre da vontade humana, estando, portanto, em contradição com um pleno estímulo ao seu crescimento moral? Ou ainda de outro modo: como podemos compreender o duplo mandamento, de amar a Deus e ao próximo, em consonância com o exercício da plena moralidade do homem?

No fundo o que está em jogo, como indicado pelo Papa no início do documento, é a imagem do homem e do seu caminho, isto é, da sua vida enquanto sujeito dotado de intelecto e de vontade, capaz de conhecer e agir livremente, sendo assim um sujeito moral. Mas ao mesmo tempo, está em jogo a imagem de Deus, uma vez que o homem é criado à imagem e semelhança do seu Criador.

Bento XVI responde à questão de modo convergente, baseando-se no que já havia dito nos números antecedentes, isto é, por meio de um duplo movimento de amor: de um lado o amor de Deus em relação ao homem, manifestado ao longo da história da humanidade e plenamente revelado em Jesus Cristo, e do outro lado, o amor do homem em relação a Deus e ao seu próximo, tornado concreto e plenamente vivido em Jesus Cristo. Apresentando a imagem de Deus como amor e descrevendo quais as características desse amor, o Papa corrige a imagem distorcida de Deus, que muitas vezes é apresentada como sendo a de um legislador implacável que, através da Igreja, sua representante, emana uma grande quantidade de leis difíceis de serem cumpridas, e pune aqueles que as desobedecem.

Em plena consonância com os dados escriturísticos, o Papa mostra a correta imagem de Deus: Deus é amor, um amor que é éros e totalmente

³ Com o termo “catalogia” entendemos o movimento oposto à “analogia”, ou seja, pela analogia usamos termos da experiência humana imperfeita para descrever a realidade divina perfeita e, depois de corrigi-los a partir das perfeições divinas descritas, esses termos são apresentados por “catalogia” como o ideal humano.

agápe (DCE 10), e esse amor se encarnou na pessoa de Jesus Cristo. Deus nos amou por primeiro em Seu Filho, de modo que o homem, quando se encontra com Cristo, faz a verdadeira experiência do amor, pode desvelar a sua verdadeira imagem e, ao mesmo tempo, decidir, a partir dessa experiência, o rumo da sua vida, o modo como vai vivê-la.

Ele não só reconhece em Cristo o amor de Deus encarnado, mas ao mesmo tempo, o amor de Deus vivido plenamente por um homem. Jesus ama o homem com amor divino e, como homem, Ele vive esse amor como fundamento do Seu agir. Ele é o primeiro a cumprir o duplo mandamento do amor. Assim, é lícito afirmar que o amor está no centro da vida cristã (DCE 1), de modo que ao dizer “eu creio no amor de Deus”, “pode o cristão exprimir a opção fundamental da sua vida” (DCE 1), opção esta que nasce do encontro pessoal com o Senhor. O primeiro passo da resposta moral fundamental do cristão é, portanto, conhecer, melhor dizendo, reconhecer e crer nesse amor que Deus lhe tem. Do “encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo” (DCE 1), e que revela Seu amor de modo mais radical na cruz, nasce a resposta ética do cristão, a orientação decisiva de sua vida⁴.

Jesus nos ama e nos dá a possibilidade de experimentarmos Seu amor e, dessa atitude antecipada de Deus, que nos ama por primeiro, nasce dentro de nós uma resposta de amor, não como imposição, mas como consequência lógica de ser amado (DCE 17). Partindo desta experiência do amor de Deus, amar “já não se trata de um mandamento que do exterior nos impõe o impossível, mas de uma experiência do amor proporcionada do interior, um amor que, por sua natureza, deve ser ulteriormente comunicado aos outros” (DCE 18). Assim, o amor de Deus por nós torna possível a nossa resposta e nos livra de um moralismo cristão, em outras palavras, de um farisaísmo batizado⁵.

O amor pode ser mandado no sentido de que antes o homem é amado e, portanto, o amor é mandamento-resposta, uma resposta que nasce como consequência do ser amado e que empenha o homem totalmente, segundo todas as suas potencialidades, pois ele foi todo amado em Cristo e por

⁴ Cf. A.G. GARCÍA, “‘Hemos creído en el amor de Dios’”, 175.177-178.180. Ao longo do artigo, as citações diretas em português, cujos originais são em outra língua, são traduções do autor.

⁵ Cf. A. SCOLA, *Benedetto XVI – Deus caritas est Encíclica*, 77.

Cristo⁶. Grande relevância recai sobre a liberdade, por meio da qual o ser humano assume como seu o critério de Deus.

O cristão só é capaz de viver sua vida moral como expressão de amor a Deus e ao próximo porque, antes de tudo, conheceu o Amor e passou a viver Dele na Eucaristia, se alimentar também Dele e Dele fazer memória por meio da meditação das Sagradas Escrituras e pela contemplação da cruz com o Crucificado. Por isso, ele precisa entrar na escola do amor, para aprender amar amando, fazendo crescer o amor por meio do amar (DCE 18)⁷.

Unido ao Amor, ele passa a querer e a não querer o que o Amor quer e não quer. Dessa união nasce toda decisão ética cristã (DCE 13-15.17). Por isso, segundo a compreensão alcançada, diz o Papa, o amor pode ser mandado, pois antes o homem foi amado. É, portanto, no amor intratritário, manifestado *ad extra* no mistério de Cristo, que “se encontra o primeiro fundamento teológico que motiva a opção fundamental de um crente”⁸ em favor do amor, como opção moral de uma vida cristã fundada sobre a imagem de Deus que é amor, ou poderíamos dizer Deus-amor.

Corrigindo a imagem de Deus e do Seu agir em relação ao homem, são corrigidas conseqüentemente a imagem do homem e do seu caminho. A imagem do homem é corrigida porque criado à imagem e semelhança de Deus, que é amor, o ser humano pode se reconhecer amado e vocacionado ao amor, como cumprimento pleno de sua humanidade. A imagem do seu caminho é corrigida, porque a moral cristã encontra o seu fundamento mais profundo, o amor de Deus, e o critério essencial que qualifica o agir moral: a consonância com o amor. Na segunda parte da encíclica (DCE 19-42), Bento XVI tratará do amor vivido concretamente dentro da comunidade cristã, qual comunidade de amor. Vemos assim que o agir cristão concreto, seja ele pessoal ou comunitário, é fundado no Amor.

⁶ Cf. *Ibid.*, 76.

⁷ Cf. L. MACARIO, “Dio è amore”, 78.83.

⁸ A.G. GARCÍA, “Hemos creído en el amor de Dios”, 176. O mesmo se poderia ler em: A. PANICO, “L’amore come risposta cristiana”, 62-63.

II. O pano de fundo de *Deus caritas est*: a Primeira Carta de São João⁹

O nome da Carta, e o próprio tema sobre o qual ela versa, nos faz crer que o pano de fundo escriturístico desse documento, que serve de base para as reflexões feitas pelo Papa, é o *corpus joanino*, mais particularmente a Primeira Carta de São João. Este escrito neotestamentário possui, juntamente com o Quarto Evangelho, uma unidade teológica¹⁰ que nos oferece um precioso contributo para nossa reflexão: o chamado “princípio do amor” como elemento da mensagem moral contida no supracitado *corpus* e que é assumido no texto de Bento XVI. Por isso, desejamos analisar mais de perto alguns pontos do texto da Primeira João, a fim de ver as bases sobre as quais o Papa apoia sua reflexão.

A partir da compreensão da índole literária do texto, se pode concluir que a 1Jo “foi dirigida a um certo número de comunidades localizadas em uma região bem delimitada”¹¹. Ao mesmo tempo, supõe-se que o meio em que viviam os destinatários da carta era um território pagão, com elementos característicos do gnosticismo (Cf. 1Jo 5,21), o que obrigava os fiéis a se defenderem dos erros doutrinários produzidos por esta influência no seio da comunidade, sobretudo os de caráter cristológico¹². Por esta razão, o principal motivo de se escrever a carta parece ser o de corrigir um erro fundamental da fé em Cristo Jesus.

Apesar de não podermos determinar diretamente quais eram as ideias heréticas postuladas, é possível afirmar, pelo conteúdo da carta, que tal heresia, além da divulgação de um erro de cristologia, também defende uma visão errada sobre alguns pontos morais (Cf. 1Jo 1,5-2,11; 3,4-24;

⁹ Nesta segunda parte de nosso estudo, apresentamos alguns extratos e fazemos uma espécie de síntese de trechos do seguinte artigo: FIGUEIREDO, L. H. B., – MARQUES, M.S., “O Amor e a Moral Cristã. Reflexões a partir da Primeira Carta de São João”, *Brasiliensis* 5 (2016) 75-102.

¹⁰ Cf. R. SCHNACKENBURG, *Il messaggio morale del Nuovo Testamento*, 193-251.

¹¹ R. SCHNACKENBURG, *Cartas de San Juan*, 82. Cf. S.R. DRIVER – A. PLUMMER – C.A. BRIGGS, *A Critical and Exegetical Commentary on the Johannine Epistles*, 33. Para Morgen, “o grupo joanino se iniciou provavelmente na Síria e se constituiu progressivamente em comunidade na Ásia Menor” (Cf. M. MORGEN, *As Epístolas de João*, 8).

¹² Cf. R. SCHNACKENBURG, *Cartas de San Juan*, 45.58. Para Ravasi “trata-se de falsas doutrinas que negam Jesus Cristo vindo na carne” (G. RAVASI, *Lettere Apostoliche e Apocalisse*, 185).

4,20-5,3)¹³. Neste caso particular, vê-se que as posições morais erradas, particularmente o que diz respeito ao amor fraterno (Cf. 1Jo 2,9-11; 3,10.14s; 3,23; 4,7.11s; 4,8.20; 5,2), estão intimamente ligadas ao erro cristológico¹⁴. Se o erro proeminente a ser combatido era cristológico, então estava em jogo quem era Jesus, qual a verdadeira imagem de Cristo a ser transmitida.

O início da sua Primeira Carta, bem como o fim do Evangelho de João, parece indicar precisamente o objetivo cristocêntrico de ambos os escritos (Cf. Jo 20,30-31 e 1Jo 1,1-4)¹⁵, isto é, de suscitar, de algum modo, a fé em Jesus Cristo, como Filho de Deus, enviado do Pai¹⁶. Em Jesus a história da autorrevelação e da autocomunicação de Deus encontra o seu ponto culminante, pois, em Cristo, o Pai se revela de modo pleno e surpreendente. Nas palavras do próprio Jesus essa verdade é comunicada vivamente: “Aquele que me viu, viu também o Pai” (Jo 14,9).

Jesus é a encarnação da ação, da palavra e da presença de Deus que no Antigo Testamento haviam se concretizado de modo mediado. Há, portanto, uma grande novidade: Jesus é o próprio Deus feito homem (Cf. Jo 1,14), de modo que é Deus, sem mediadores que é presente, age e fala. Ao longo de Sua vida, Jesus passou revelando o Pai, o Seu amor misericordioso (Cf. Jo 3,35)¹⁷, e este “amor de Deus “se manifestou”, quer dizer, podemos experimentá-lo, no fato de ter enviado ao mundo o Seu unigênito”¹⁸. A iniciativa parte de Deus, do Seu amor. Ele envia Seu Filho ao mundo dando carne a esse amor. Diante desse amor o mundo é convidado a uma resposta, que pode ser de acolhida ou de rejeição de Cristo. Como revelador do Pai, “Jesus Cristo trouxe a verdadeira notícia e conhecimento de Deus (Cf. Jo 1,18) e junto também trouxe para o ho-

¹³ R. SCHNACKENBURG, *Cartas de San Juan*, 59.

¹⁴ Cf. *Ibid.*, 65; RAVASI, G., *Lettere Apostoliche e Apocalisse*, 190.

¹⁵ Cf. M. MORGEN, *As Epístolas de João*, 12. Alguns autores evidenciam paralelos também entre o início do Evangelho de João e o início da Primeira Carta de João. **É sobretudo Driver quem faz um exame detalhado pondo em paralelo** o vocabulário usado pelo Quarto Evangelho e a Primeira Carta de João (Cf. S.R. DRIVER, – A. PLUMMER, – C.A. BRIGGS, *A Critical and Exegetical Commentary on the Johannine Epistles*, 7ss).

¹⁶ Cf. R. SCHNACKENBURG, *Il messaggio morale del Nuovo Testamento*, 197.

¹⁷ Cf. *Ibid.*, 199.

¹⁸ R. SCHNACKENBURG, *Cartas de San Juan*, 255.

mem uma compreensão de si mesmo capaz de libertá-lo (Cf. Jo 8,36) e de indicar-lhe o seu caminho sobre a terra”¹⁹.

Ao se revelar, Jesus mesmo disse ser a Verdade (Cf. Jo 14,6). Quando vemos aparecer o termo “verdade” no âmbito da teologia joanina, devemos entender bem o seu significado. Verdade deve ser compreendida no sentido da revelação divina que é, ao mesmo tempo, expressão da fidelidade de Deus à Aliança e que se manifesta em sua obra salvadora²⁰. Toda a vida de Jesus, desde a sua encarnação até sua ressurreição, é revelação dessa verdade amorosa e salvífica. Ele é a verdade, isto é, o Deus amoroso e fiel, Deus que ama o homem, que o salva no e por Seu amor. Essa revelação do amor tem seu ponto culminante na morte de Jesus na cruz²¹. Na cruz, Deus mantém-se fiel a si mesmo na Sua aliança com a humanidade e revela Sua natureza íntima: “Deus é amor” (1Jo 4,8.16). A entrega de sua vida reflete a essência do amor autêntico τὴν ἀγάπην (Cf. Jo 15,12-13)²².

Ao se revelar, Deus não revela um conteúdo, mas a Si mesmo e o faz por meio não só de palavras, mas também por meio do Seu agir²³. Amando, Deus revela-se como um Deus amoroso, perdoando se revela como misericordioso. Desde o “contexto da aliança Deus se revela como o Deus fiel que não falta com Seu amor leal e misericordioso”²⁴. Assim, “na ação e no dinamismo de Seu amor, Deus se revela como Deus de amor”²⁵.

Dentro da ética joanina essa fórmula “Deus é amor” tem um lugar central que é fundamental para se entender o “princípio do amor”. Esse amor revelado na pessoa de Jesus Cristo é, ao mesmo tempo, um chamado à resposta, que deve ser assumido livremente pelo cristão. Esse pode responder em forma de seguimento, de sequela, ou pode rejeitar a Verdade revelada, sua real imagem, com a consequente assunção de outro modo de vida²⁶. Da correta imagem de Cristo apresentada pelo texto, devemos passar para a resposta moral dada por aquele que crê, ou seja, da fé passa-

¹⁹ R. SCHNACKENBURG, *Il messaggio morale del Nuovo Testamento*, 202.

²⁰ Cf. *Ibid.*, 204.

²¹ Cf. R. SCHNACKENBURG, *Cartas de San Juan*, 259.

²² *Ibid.*, 225.

²³ Cf. CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, *Dei Verbum*, 2.

²⁴ R. FABRIS, *Lettere di Giovanni*, 95.

²⁵ R. SCHNACKENBURG, *Il messaggio morale del Nuovo Testamento*, 219.

²⁶ Cf. *Ibid.*, 200.

-se à atitude moral, como resposta à fé. Por isso, dentro da ética da 1Jo, a resposta do homem para a autorrevelação e autocomunicação de Deus Pai em Seu Filho Jesus Cristo é uma resposta de fé, melhor dizendo, resposta de fé que opera através do amor.

A encarnação de Jesus é a manifestação histórica do amor de Deus e esta manifestação “está na origem e no fundamento da experiência de fé”²⁷. Deus se doa e doa ao homem a possibilidade de viver em relação com Ele, e essa doação, que espera depois pela resposta do homem, está na base da vida cristã, da vida de fé.

Na teologia joanina a fé aparece como a resposta exigida diante da revelação de Deus Pai em Jesus Cristo. Depois da multiplicação dos pães os interlocutores de Jesus perguntaram: “Que faremos para praticar as obras de Deus?” (Jo 6,28). Jesus então respondeu: “A obra de Deus é esta: que creiais naquele que Ele enviou” (Jo 6,29). Em primeiro lugar vemos que a resposta de fé é uma adesão à pessoa de Jesus, o enviado do Pai. Crer significa crer Nele, dar assentimento à Sua pessoa, confiar-se a Ele. Como consequência, crer em Jesus significa deixar-se guiar por Suas palavras que, por meio do Espírito Santo, são atualizadas na vida dos fiéis²⁸.

Diante da pergunta dos judeus, Jesus não faz nenhuma exigência particular, não dita nenhuma lei específica a ser cumprida, não emana nenhum ditame pormenorizado sobre uma questão particular. Ele requer uma resposta de fé, que no fundo é uma ação moral, pois o que está em jogo é a decisão livre de crer como enviado do Pai²⁹. Sendo a própria pessoa de Jesus o conteúdo da revelação, no qual o amor de Deus se revela e se encarna, o ato de crer coloca o crente no dinamismo do amor. Crer em Jesus é crer no amor que Dele recebemos e que a Ele, por meio da fé, respondemos. O discípulo crê no amor de Deus revelado, feito homem em Jesus Cristo e, crendo nesse amor, ele mesmo passa a ser motivado a amar. O discípulo é chamado a crer amando e a amar crendo³⁰. Crer, como resposta de fé, e amar, como atitude moral, são a mesma e única

²⁷ R. FABRIS, *Lettere di Giovanni*, 95.

²⁸ Cf. R. SCHNACKENBURG, *Il messaggio morale del Nuovo Testamento*, 216-217.

²⁹ Cf. *Ibid.*, 211.

³⁰ A interessante circularidade entre fé e amor na teologia joanina é colocada em evidência por Bultmann no seu comentário sobre a 1Jo 3,15. Ele escreve: “a expressão ἐν αὐτῷ μένουσαν mostra que se o cristão além da fé não tem também o amor, pode perder o dom da ζῶην αἰώνιον (vida eterna)” (R. BULTMANN, *Le lettere di Giovanni*, 96). O mesmo se pode ver em: R. SCHNACKENBURG, *Il messaggio morale del Nuovo Testamento*, 214.

exigência ao discípulo de Cristo, de modo que se pode reduzir a esses dois mandamentos a mensagem ética da 1Jo³¹.

Dentro dessa perspectiva do dinamismo entre a fé e o amor, com certa frequência aparece o verbo conhecer (γινώσκειν)³². Em uma das passagens centrais da 1Jo, o autor afirma: “Nós conhecemos e cremos no amor que Deus tem para conosco” (1Jo 4,16). Conhecer nesse sentido não é só o saber, o ter a informação, mas revela algo mais profundo, uma experiência pessoal com aquilo ou com quem se conhece. Assim, a fé é consequência do fato de conhecer e de, outro lado, proporciona um progresso a um mais profundo conhecimento. No nosso caso, a fé em Jesus é consequência do fato de conhecer o Seu amor e, como resposta, proporciona um maior conhecimento de Cristo. Conhecer e crer no amor, como ato moral que implica uma fé que age pelo amor, fazem parte da mesma confissão de fé em Jesus Cristo, o Filho de Deus³³. Podemos ver aqui uma circularidade onde “a fé é necessária para reconhecer o amor de Deus e o conhecimento do amor é necessário para a fé”³⁴.

Mesmo assim, podemos postular cronologicamente, no que diz respeito a resposta do cristão, uma certa precedência da fé, isto é, a fé vem primeiro do que o amor³⁵, pois ninguém pode amar se não conhece o amor. Fazendo a experiência de conhecer o amor de Deus, a fé é despertada e pode agir pelo amor (Cf. 1Jo 4,7)³⁶.

Como já dissemos, a fé em Jesus coloca o cristão no dinamismo do amor. Na verdade, o amor aparece como fruto da fé, pois crer em Jesus e no amor do Pai que Ele revela, tem como consequência que o cristão se comprometa a amar. Uma vez que Deus enviou o seu Filho para a salvação do mundo, revelando assim o Seu imenso amor, esse amor se torna a norma mais fundamental do cristão³⁷. O amor torna-se, portanto, a resposta de fé do cristão no amor de Deus. Amar é a fundamental resposta moral do qual derivam todas as demais atitudes pormenorizadas.

³¹ Cf. R. SCHNACKENBURG, *Il messaggio morale del Nuovo Testamento*, 215.

³² Um total de 25 recorrências desse verbo somente em 1Jo.

³³ Cf. R. BULTMANN, *Le lettere di Giovanni*, 120.

³⁴ R. SCHNACKENBURG, *Il messaggio morale del Nuovo Testamento*, 215.

³⁵ Cf. R. BULTMANN, *Le lettere di Giovanni*, 102.

³⁶ Cf. R. FABRIS, *Lettere di Giovanni*, 94.

³⁷ Cf. R. SCHNACKENBURG, *Cartas de San Juan*, 252.

Sem dúvida o cristão ama porque antes foi amado. A teologia que está por detrás da 1Jo é a da iniciativa do amor de Deus que se torna o fundamento, a razão da resposta de fé, fé essa que atua pelo amor, ou seja, que é resposta de amor ao amor de Deus. O que o cristão faz é agir em conformidade com o amor que recebeu de Deus³⁸. Da fé no amor de Deus manifestado historicamente em Jesus Cristo nasce o amor-resposta, não como um mandamento imposto externamente ao homem, mas “como consequência e fruto da autêntica fé”³⁹. Sem dúvida, tomando consciência do amor de Deus manifestado em Jesus, o cristão passa a se empenhar pelo amor como fez Jesus⁴⁰. Assim se expressou o autor da 1Jo: “Nisto temos conhecido o amor: (Jesus) deu sua vida por nós. Também nós outros devemos dar a nossa vida pelos nossos irmãos” (1Jo 3,16).

Outro importante dado é que o amor não é só o modo de agir de Deus, mas indica o Seu próprio ser. A expressão “amor de Deus” (ἐκ τοῦ θεοῦ), que aparece na 1Jo no genitivo, pode ter dois dignificados. O primeiro seria o de pertença, isto é, o amor que pertence a Deus⁴¹ e que Ele tem pelos homens. O segundo não indica algo que pertence a Deus, mas algo que Ele mesmo é⁴². Portanto, ao falar do “amor de Deus”, não só entende-se dizer o amor que pertence a Ele, mas que “Deus é amor”⁴³.

A partir do amor de Deus por nós entendemos o que é o amor. Entendemos que é um “dom oferecido por Deus”⁴⁴, antes de ser um mandamento, de modo que ser cristão é acolher esse dom e, num ato autêntico de fé em Jesus Cristo, como enviado do Pai e encarnação do seu amor, responder amando⁴⁵. Não sem importância é a constatação de que o amor com o qual somos chamados a responder a Cristo seja o mesmo *agápe*⁴⁶ com que Ele

³⁸ Cf. R. E. BROWN, *Le Lettere di Giovanni*, 659.

³⁹ R. SCHNACKENBURG, *Il messaggio morale del Nuovo Testamento*, 214.

⁴⁰ Cf. R. FABRIS, *Lettere di Giovanni*, 96.

⁴¹ Tratar-se-ia então de genitivo subjetivo.

⁴² Neste caso, tratar-se-ia de um genitivo epexegético.

⁴³ Cf. R. SCHNACKENBURG, *Cartas de San Juan*, 252.

⁴⁴ R. FABRIS, *Lettere di Giovanni*, 96.

⁴⁵ Cf. R. SCHNACKENBURG, *Cartas de San Juan*, 253.258; R. BULTMANN, *Le lettere di Giovanni*, 97.

⁴⁶ “No Evangelho de João e nas três Cartas de João, com relação ao uso de *agápe* (28 vezes) e *agapáō* (68 vezes) apresentam concordâncias e diferenças. Uma importante diferença está no fato que o quarto Evangelho insiste especialmente sobre o amor de Jesus ou de Cristo e sobre o amor por Ele, enquanto as cartas falam mais frequentemente do

nos amou: “Este é o meu mandamento: amai-vos uns aos outros, como eu vos amo” (Jo 15,12). Essa resposta de fé a Cristo torna-se concreta no amor aos irmãos.

III. O fundamento e o critério da vida moral cristã a partir da *Deus caritas est*

Quando se fala que uma pessoa é cristã católica, normalmente se pensa em alguém que é batizado ou que pertence à Igreja Católica como instituição visível, cumprindo assim o *ethos* bíblico e as leis emanadas pelas autoridades eclesiásticas. Certamente este é um aspecto da vida cristã que toca o seu “ser”, pela configuração a Cristo no batismo, e o seu viver, como membro da Igreja, mas não é o único. Quando falamos em um cristão, no pleno sentido da palavra, pensamos em uma pessoa que livre e conscientemente segue Jesus Cristo, num caminho contínuo de *sequela* e conversão. Alguém que responde ao Seu apelo, que procura assumir a Sua vida como modelo. Ser cristão é dar um sim a Jesus.

Neste sentido, o ser cristão no sentido pleno só poderia ser fruto de um encontro pessoal com Cristo, do qual nasce a decisão livre e consciente de segui-Lo. Como afirma o Papa Bento XVI: “Ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo” (DCE 1). Isto significa que, para uma vida cristã plena, primeiro se dá o encontro pessoal com Cristo, que oferece a possibilidade ao ser humano de reconhecê-Lo como a encarnação do Amor. Após isto, o cristão pode fazer uma decisão ética, quer seja no âmbito da escolha fundamental, que orienta toda a sua existência, quer seja no âmbito das escolhas concretas, a favor deste Amor.

O encontro com Jesus é o encontro com Deus encarnado. Ele é a encarnação do amor do Pai. Em Cristo o amor de Deus se faz carne, se torna visível, se torna pessoa. Em Cristo, a pessoa pode dizer indubitavelmente: Deus me ama. Ao mesmo tempo Jesus é, como Deus-homem, a resposta humana de amor ao Pai e aos irmãos. Ele é Aquele que assume e pratica o desígnio do Pai de fazer da humanidade uma família de irmãos que se

amor de Deus e do amor a Deus. Mas, de fato, isso não pode significar uma diferença decisiva. Em ambos os escritos o discurso diz respeito ao amor ‘recíproco’, mas só nas cartas se fala do ‘amor fraterno’” (H. BALZ – G. SCHNEIDER (Org.), *ἀγαπάω/γαλάπη*, In: *Dizionario Esegético del Nuovo Testamento*, 29).

amam. Ele faz a opção mais profunda pelo Amor, que é Deus mesmo, como fim último de sua existência. E o faz assumindo a lógica de Deus, que é a lógica do amor. Cristo vai ao encontro do Pai por meio do amor, amando-O e amando Seus irmãos. Sendo assim, nas duas dimensões, divina e humana, Cristo é a personificação de uma lógica e de um agir fundado no amor. Ele mesmo faz uma escolha pelo Pai e a atua por meio do amor concreto.

O encontro com Ele provoca no cristão uma resposta pessoal que atinge sua interioridade e sua exterioridade. Atinge sua interioridade porque esta resposta deve ser pessoal, ou seja, da pessoa na sua totalidade, a partir da sua mais profunda intimidade. Esta resposta só é verdadeira porque compromete a pessoa a partir das suas estruturas mais íntimas. Como é uma resposta de fé, então é um assentimento livre e consciente de acolhida da pessoa de Jesus Cristo como reveladora do Pai, de seu amor, como portadora de um sentido pleno para a vida humana, como cumprimento da plenitude dela. É acolhida do Seu modo de ser e de viver, de Sua intencionalidade e do Seu agir, como resposta de amor ao Pai e aos irmãos. Assim, a resposta de fé é um “sim” dado a Jesus desde as estruturas mais profundas do indivíduo que compromete o cristão a assumir a vida de Cristo, na sua totalidade, revestindo-se Dele para viver como Ele, com Sua mesma intenção, com Seu mesmo critério de ação (Cf. Rm 13,11-14; Ef 4,17-24).

O encontro pessoal com Cristo provoca no cristão uma resposta pessoal que atinge a sua exterioridade porque dizer sim a Cristo implica em configurar toda a vida, as ações concretas, exteriores, explícitas, segundo àquelas de Jesus. Dar uma resposta de fé a Cristo compromete não só a intenção profunda do sujeito e as estruturas fundamentais do dinamismo de ação, mas compromete também o agir concreto e presente, na sua unidade quantitativa e temporal. Como o que está em causa é a liberdade e a consciência do cristão, esta resposta de fé é, então, uma resposta que se atua no agir livre e consciente, isto é, uma resposta moral. Podemos falar, então, que esta resposta é uma escolha fundamental por Cristo, como encarnação do Amor do Pai, que tem, conseqüentemente, incidência sobre as escolhas concretas⁴⁷.

Como a resposta de fé, atuada na vida moral, é a acolhida de Cristo pela pessoa na sua totalidade, então o cristão faz uma escolha fundamental pelo

⁴⁷ Cf. S. BASTIANEL, “Una opzione fondamentale di fede-carità”, 72.

seguimento de Jesus, pela assunção de Sua lógica de amor, que se atua nas opções concretas, ou seja, o cristão assume o amor como fundamento e critério de sua resposta a Cristo, atuada no seu agir concreto.

Assim,

acolher Deus como Pai é acolher o outro como irmão. Reconhecer o Senhor na humanidade de Jesus é reconhecer o sentido do humano no modo pelo qual Ele o viveu sobre a terra, reconhecer como autenticamente humana a intencionalidade própria do seu fazer-se próximo e assumir aquela mesma intencionalidade como própria. Acolher a comunhão com Ele é assumir como própria a lógica do amor que é a Sua, de modo que essa seja ela a motivar, ordenar e conduzir todo o compreender e julgar, o decidir e o agir. É a moralidade que vem compreendida e assumida em termos de caridade: moralmente bom é o que é conforme a caridade⁴⁸.

Ser cristão é, portanto, fazer uma escolha por Cristo, o que concretamente significa uma escolha pelo amor, que depois é atuado concretamente. Por esse amor se chega a Deus como fim último da existência humana, pois se vive em Deus aqui e na eternidade, se se vive no amor. E viver no amor é viver como Cristo viveu, sendo obediente ao Pai, cumprindo os Seus mandamentos, isto é, colocando o amor em prática (1Jo 2,3-11; 3-13-24; 4,7-21). Em suma, devemos cumprir as palavras da Escritura: “Nisto sabemos o que é o amor: Jesus deu a vida por nós. Portanto, também nós devemos dar a vida pelos irmãos (1Jo 3,16).

Neste ponto, podemos retomar uma antiga afirmação da tradição moral católica: a caridade é a forma de todas as outras virtudes⁴⁹. Isto significa que o sujeito, ao praticar atos concretos, o faz a partir da caridade, como lógica e intenção fundamental, de modo que todos os atos, específicos de cada virtude, são formados pelo amor. Assim, o agir concreto segundo o amor é um prolongamento existencial da sua escolha fundamental em favor do Amor.

Luiz Henrique Brandão de Figueiredo

⁴⁸ *Ibid.*, 73.

⁴⁹ Cf. T. AQUINO, *Summa Theologia*, II-II q.23 a.8.

Bibliografia

- AQUINO, T., *Summa Theologia*, V, Loyola, São Paulo 2004.
- BALZ, H. & SCHNEIDER, G., Org., *Dizionario Esegetico del Nuovo Testamento*, Introduzione allo Studio della Bibbia: Supplementi 15, Paideia Editrice, Brescia, 2004.
- BASTIANEL, S., “Una opzione fondamentale di fede-carità”, in COFFELE, G. – GATTI, G., ed., *Problemi morali dei giovani oggi*, Biblioteca di scienze religiose, 90, Roma 1990, 65-79.
- BENTO XVI, Carta Encíclica *Deus caritas est* (25 de dezembro de 2005), *AAS* 98/3 (2006), 217-252.
- BROWN, R. E., *Le Lettere di Giovanni*, Assisi 1986.
- BULTMANN, R., *Le lettere di Giovanni*, Commentario teologico del Nuovo Testamento XIII/3, Brescia 1977.
- CONCÍLIO VATICANO II, Constituição Dogmática *Dei Verbum*. Sobre a revelação divina (18 de novembro de 1965), *AAS* 58 (1966) 817-836.
- DRIVER, S.R., – PLUMMER, A., – BRIGGS, C.A., *A Critical and Exegetical Commentary on the Johannine Epistles*, ICC; Edinburg, T&T Clark, 21957.
- FABRIS, R., *Lettere di Giovanni – Nuovo Testamento Commento esegetico e spirituale*, Collana diretta da Santi Grasso, Roma 2007.
- FIGUEIREDO, L. H. B., – MARQUES, M.S., “O Amor e a Moral Cristã. Reflexões a partir da Primeira Carta de São João”, *Brasiliensis* 5 (2016) 75-102.
- GARCÍA, A.G., “‘Hemos creído en el amor de Dios’: la opción fundamental como orientación decisiva del cristianismo”, in FLECHA, J-R., ed., *Dios es amor – Comentarios a la Encíclica de Benedicto XVI Deus caritas est*, Ensayos de teología 2, Salamanca 2007, 173-202.
- MACARIO, L., “Dio è amore – Educare in prospettiva preventiva”, in DAL COVOLO, E. – TOSO, M., ed., *Attratti dall'amore: riflessioni sull'Enciclica Deus Caritas est di Benedetto XVI*, Roma 2006, 75-93.
- MENARINI, R., “Imago hominis, imago Dei”, in DALLA TORRE, G., ed., *L'archetipo dell'amore fra gli uomini – Deus caritas est: riflessione a più voci sull'Enciclica di Benedetto XVI – Quaderni della Libera Università Maria SS. Assunta* 28, Roma 2005, 67-79.
- MORGEN, M., *As Epístolas de João*, Coleção Cadernos Bíblicos: 52, Paulinas, São Paulo 1991.

- OPORTO, S.G., “El costado traspasado. La inspiración joánica de la Encíclica ‘Deus caritas est’”, in FLECHA, J-R., ed., *Dios es amor – Comentarios a la Encíclica de Benedicto XVI Deus caritas est*, Ensayos de teología 2, Salamanca 2007, 81-99.
- PANICO, A., “L’amore come risposta cristiana alla quotidianizzazione dell’incertezza”, in DALLA TORRE, G., ed., *L’archetipo dell’amore fra gli uomini – Deus caritas est: riflessione a più voci sull’Enciclica di Benedetto XVI*. Quaderni della Libera Università Maria SS. Assunta 28, Roma 2005, 59-66.
- RAVASI, G. *Lettere Apostoliche e Apocalisse* (Il Racconto della Bibbia: 10), San Paolo, Milano 2006.
- REGODÓN, J.N., “‘El nos ha amado primero’. La presencia de 1Jn en Deus caritas est”, in FLECHA, J-R., ed., *Dios es amor – Comentarios a la Encíclica de Benedicto XVI Deus caritas est*, Ensayos de teología 2, Salamanca 2007, 101-121.
- SAVAGNONE, G., “Amore, giustizia e bene comune”, in DALLA TORRE, G., ed., *L’archetipo dell’amore fra gli uomini – Deus caritas est: riflessione a più voci sull’Enciclica di Benedetto XVI – Quaderni della Libera Università Maria SS. Assunta* 28, Roma 2005, 107-121.
- SCHNACKENBURG, R., *Cartas de San Juan: versión, introducción y comentario*, Barcelona 1980.
- , *Il messaggio morale del Nuovo Testamento. I primi predicatori cristiani. Supplementi al commentario Teologico del Nuovo Testamento*, II, Brescia 1990.
- SCOLA, A., *Benedetto XVI – Deus caritas est Enciclica – Introduzione e commento di Angelo Scola*, Siena 2006.